

CAPÍTULO IV

AS DESCOBERTAS

4.1 – O dizer e o não dizer: faces de uma mesma moeda

A análise do discurso [...] não desvenda a universalidade de um sentido; ela mostra à luz do dia o jogo da rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação (FOUCAULT, 1996, p.70).

Este capítulo tem a intenção de tecer, a partir dos fios da história, aspectos que aqui foram considerados como descobertas. Nos capítulos anteriores foram apresentados alguns aspectos que foram significativos nas vivências de Garotti. Considerando que a autora deste estudo pôde produzir discursos através dos signos, objetivou-se compreender a relação do dito e do não-dito e, assim, descrever as faces da história. A história da autora que narra e da pesquisadora que escreve.

Nas descobertas deste estudo, a pesquisadora tem um espaço aberto para colocar a sua fala e a suas experiências, expressando-se na primeira pessoa fatos que foram relevantes na pesquisa. Pois há que se considerar que, a propósito desta história, aqui tem a minha também, porque nos devaneios de questionamentos, nas insônias e na busca em compreender o outro, eu também pude me refazer. A pesquisa possibilitou um processo comparativo tanto para manter como para reforçar a minha identidade através das experiências vividas pela e na pesquisa.

Sabe-se que “[...] a linguagem é constitutiva do homem e da sua história” (ORLANDI, 2003, p.15). Dessa forma, o sujeito dá sentido à sua vida, às coisas, e se localiza no tempo e no espaço de suas experiências. Nesse sentido, descobre-se que há formas variadas de significar um fato porque depende do olhar do sujeito que fala e do contexto em que está inserido. O sujeito dá sentido ao discurso, assim ele é “[...] palavra em movimento” (ORLANDI, op. cit., p. 15). Para essa autora “[...] esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi” (ORLANDI, op. cit., p. 30).

Já Foucault considera que o discurso “[...] seria um pensamento revestido de seus signos e tornado visível pelas palavras [...] seriam as estruturas mesmas da língua postas em jogo e produzindo um efeito de sentido” (FOUCAULT, op. cit., p.46).

Assim, para analisar e interpretar o discurso, foi necessário tomar como base epistemológica conceitos, teorias e dispositivos para explicar a narrativa. Dessa forma, buscou-se descortinar o que foi produzido sobre a trajetória de Ilar Garotti, bem como, apresentar alguns fatores que instigaram a pensar sobre o poder e a fortaleza do discurso.

Nesse sentido, para Foucault (1996), o sujeito narra para que suas palavras façam sentido com o que ficou registrado de forma significativa em sua memória. E, como o sujeito emerge através da linguagem, considera-se que a fala é uma ordem simbólica, na qual as representações, os valores e as práticas sociais encontram seus fundamentos de significados. Ela é entendida como efeito de sentidos entre os interlocutores, imbricando conflitos, relações pessoais, profissionais, reconhecimentos, relações de poder e submissão que fazem gerar a constituição de uma identidade.

Nesse aspecto, como já foi ressaltado, muitas vezes fazemos histórias, mas muitas vezes a história se faz por determinação dos acontecimentos. Na escrita da história, nesta caminhada de pesquisadora, foi descoberta uma interpretação em dois estudos que não foi confirmada pela narrativa de Ilar Garotti.

Garotti narrou que desconhecia a ação de despejo contra a FAFI, veiculada no Jornal Correio de Uberlândia no ano de 1975. Esse fato foi utilizado como citação em dois estudos realizados em Uberlândia sendo, um pela UFU e o outro pelo UNITRI. No ano de 1988, foi citado por Caetano no livro: *A UFU no Imaginário Social*, e em uma dissertação de mestrado de autoria de Fernandes (2003) intitulada: *As origens do curso de Pedagogia: um capítulo do ensino superior em Uberlândia, Minas Gerais (1957 – 1963)*.

A ação de despejo aconteceu no período em que Garotti era diretora do Colégio Nossa Senhora das Lágrimas, ano de 1969. Os dois estudos apresentaram uma citação retirada do jornal que veiculou a seguinte nota:

Na petição, o advogado da Sociedade Feminina de Instrução e Caridade, ao solicitar o despejo, afirma que toma essa resolução porque necessita das 27 salas alugadas à FAFI para o uso do Colégio que mantém em nossa cidade (CAETANO, 1988, p. 306).

[...] nossa reportagem apurou que já está tramitando no Fórum de Uberlândia uma petição da Sociedade Feminina de Instrução e Caridade, [...] visando despejar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. [...] Para muitos a atitude assumida pela instituição religiosa demonstrou falta de equilíbrio (FERNANDES, 2003, p. 96 – 97).

Para compreender e apreender a complexidade das controvérsias que às vezes aparecem nos textos ditos históricos, é preciso evidenciar o aparecimento e a dispersão dos enunciados que compõem o jogo dos signos. Buscou-se aqui, descortiná-los para clarificar a história que a narradora vivenciou, diferentemente da que outros pesquisadores fizeram ao reproduzirem fielmente uma reportagem. Garotti afirmou:

O jornal Correio publicou a nota, na época, falando sobre a falta de equilíbrio em 01.07.75. Dr. Juarez Altafin, reitor, teve uma atuação muito justa e compreensiva nas negociações. Se houve documento escrito desconheço. O que sei é que saímos da Faculdade que funcionava no Colégio, num clima de aceitação e respeito. As Irmãs que lecionavam na Faculdade continuaram a lecionar na UnU, no Campus Santa Mônica (2006).

De posse da narrativa foi possível fazer o cruzamento das fontes e constatar que os documentos escritos não são tão confiáveis como acreditavam e disseminavam os positivistas: que essa era a única fonte confiável para realizar pesquisas históricas.

As narrativas deste estudo revelam as significações e representações do contexto vivido e experienciado por Garotti. Desse modo, “O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo o dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia” (ORLANDI, 2003, p. 32).

Dessa forma, compreende-se que os dizeres do sujeito são constituídos pela memória discursiva, que abarca outros dizeres historicamente construídos em que o sujeito, a cada vivência, reatualiza o seu discurso, estabelecendo uma relação entre o sujeito produtor da escrita e a história.

Nessa perspectiva, a autora narrou o que lhe foi significativo para este estudo, da mesma as pesquisadoras tanto da UFU como do UNITRI, ressignificaram seus achados

conforme seus objetivos. Assim, “[...] sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras” (ORLANDI, op. cit., p. 36). O que não coube a esta pesquisadora julgar as fontes utilizadas.

Mas, sabe-se também que a produção de um discurso está sempre co-relacionada com outros discursos. Por isso, neste estudo optou-se por realizar uma história de vida. Para compreender esta história, buscou-se descortinar como e de que forma se deu a formação da professora e da religiosa: Ilar Garotti.

Como já foi abordado, nos capítulos anteriores, a Igreja determinou e normatizou, por meio das Encíclicas Papais, o trabalho feminino fora do lar e os cuidados que a mulher deveria ter com a família. A mulher deveria se instruir para saber das prendas domésticas, para ter um bom comportamento e almejar um bom casamento, ser boa esposa e mãe. Essas eram as orientações aos familiares, que definiam o destino das filhas quando adultas. Esse discurso, durante décadas, destacou que a mulher tinha, por natureza, essas aptidões.

Garotti foi educada numa família tradicional, católica, com poder patriarcal, foi colocada desde a sua tenra infância num colégio de freiras para estudar, deu continuidade a esse processo na adolescência, foi morar em um Colégio de freiras, lá formou-se e optou pela religiosidade. Mesmo assim, Garotti rompeu com todos os paradigmas ditados e preconizados pela sociedade para a mulher de sua época.

Dentre outros fatores, a formação, à qual se propôs, era dogmática, e é sabido que o ensino religioso também contribuía para veicular as normas e dogmas da religião católica para a formação de uma mulher dócil, meiga e dedicada para cumprir as funções do lar, de acordo com o perfil que a sociedade daquela época mantinha em relação ao sexo feminino. Na educação, o medo do pecado era incentivado para orientar e fortalecer a formação moral da mulher com comportamentos femininos desejados e para estabelecer a submissão feminina.

Constatou-se que o exemplo de sua mãe fez da professora Garotti uma mulher determinada para alcançar seus objetivos, aceitar desafios e se impor nos momentos de decisão. Em sua vida pública, Garotti esteve sempre rodeada de líderes políticos, homens influentes. O fato de ser mulher não a intimidou de cumprir e fazer o que mais gostava: liderar pessoas e instituições.

Garotti afirmou em sua narrativa que o que tinha que fazer foi realizado de forma eficiente. Dessa forma, buscou organizar, melhorar e aprimorar, dentro de suas crenças e convicções, o processo educacional de Uberlândia. Esse aspecto vivido e experienciado por uma freira, retratou a influência e o poder da Igreja Católica nas relações políticas e administrativas da sociedade.

Garotti afirmou que o fato de ser religiosa facilitou o seu acesso aos meios políticos. Nesse sentido, deixou na sua trajetória laços de amizade, respeito, autoridade, poder e a consciência de fazer o que deveria ser feito e do dever cumprido.

Nesse sentido, desvela-se aqui a fortaleza do discurso e os implícitos jogos de força. Dessa forma, “O cristianismo é a única religião a se organizar como Igreja. E como tal, postula o princípio de que certos indivíduos podem, por sua qualidade religiosa, servir [...] como pastores. Contudo esta palavra designa uma forma muito específica de poder” (RABINOW, 1995, p.237). Para esse mesmo autor:

[...] isto implica que o poder do tipo pastoral, que durante séculos – por mais de um milênio – foi associado a uma instituição religiosa definida, ampliou-se subitamente por todo o corpo social; encontrou apoio numa multiplicidade de instituições [...] havia uma tática individualizante que caracterizava uma série de poderes: da família, da medicina, da psiquiatria, da educação e dos empregadores (RABINOW, op. cit., p.238).

Neste estudo, inicialmente, refletiu-se sobre a influência da formação educacional e religiosa na história de vida. A formação é uma experiência que implica num trabalho reflexivo sobre as vivências do sujeito, articulando atividade, sensibilidade, afetividade e imaginação, assim, o sujeito “[...] está a procura de uma arte de viver em ligação e partilha” (JOSSO, 2004, p. 266).

Dessa forma, por meio da narrativa, esta história de vida deu à narradora a oportunidade de tomar consciência da dimensão de seus feitos em direção à busca de si própria por meio do conhecimento que estruturou sua formação. Sendo assim, formar-se é integrar-se numa prática o saber-fazer e refazer os conhecimentos na pluralidade de registros, e um caminho para que “[...] o sujeito oriente, com lucidez, as próprias aprendizagens e o seu processo de formação” (JOSSO, op. cit., p. 41).

Josso pontua como as histórias de vida tocam as fronteiras do racional e do imaginário, uma vez que “[...] leva o indivíduo a compor uma visão imaginária de si

mesmo” (JOSSO, 2004, p.263). Na narrativa, o sujeito imagina e cria as ligações entre os diferentes acontecimentos que foram significativos ao longo de sua vida. Essas ligações implicam em uma “[...] escuta atenta da sua vida interior [...] e que, ao serem contadas, escritas e lidas, dão acesso às dimensões da sensibilidade, da afetividade, da criatividade e do imaginário do seu autor” (JOSSO, op. cit., p.265).

Pode-se afirmar que enquanto Garotti esteve na FAFI utilizou de sua influência política para ampliar a UnU e como membro da Comissão de Estruturação e Organização para constituir a Universidade Federal de Uberlândia. A trajetória como diretora, reitora e vice-reitora, não obstante os desafios enfrentados, revelaram o aspecto marcante do início da presença feminina no campo do magistério e, especialmente, na gestão escolar, que se constituía como uma área de atuação notadamente masculina no início do século XX.

A função de administrar para Garotti era dinâmica e lhe dava prazer. Ela apreendeu desde a infância, pela educação recebida de seus pais, como também pela sua formação educacional e religiosa, a apreciar e reelaborar o significado de liderança, aliado aos conceitos de determinação, autoridade e autoritarismo. Pôde-se constatar, no seu modo de falar, objetividade e firmeza nas suas ações: “[...] o que tinha que fazer, fazia!” (GAROTTI, 2006).

Ela inculcava na equipe a disciplina necessária para o desenvolvimento de ações práticas, como ela narrou, sem “lenga-lenga” (GAROTTI, 2006). As suas ações diárias se direcionavam na aplicação de competências e habilidades adquiridas ao longo dos anos de formação, no exercício do magistério e na tarefa administrativa que desempenhou.

As habilidades se referem, portanto, a um saber aprender, saber-fazer e saber proceder nos campos de poder, conforme os seus valores e crenças administrativas com rigor. A sua administração contribuiu para a constituição de um Colégio que se primou pela qualidade de ensino, pela ordem e disciplina, e que ficou na lembrança dos que por lá passaram.

De sua trajetória, ficou marcado para Garotti o sentimento de ter contribuído para a formação moral e profissional dos alunos, para que estruturassem às grandes tarefas que teriam que realizar na vida.

Outra descoberta importante neste estudo foi com relação à contratação de professores da FAFI. A história narrada contradiz a história escrita por Fernandes (2003), que afirmou em sua Dissertação que, ao analisar a lista dos contatos com a direção do Colégio e sobre as aulas inaugurais, percebeu que havia um jogo de interesses nas entrelinhas:

Podemos perceber que as aulas inaugurais tinham também um forte caráter político, sendo que os convites eram feitos também em necessidade de estreitar os laços com as instâncias governamentais [...] ou da obtenção de apoio político [...]. Os convites também tinham o papel de homenagear alguns nomes que se destacaram no apoio político durante o processo de criação da FAFI, exemplos de Rondon Pacheco e Jacy de Assis. No caso Alceu Amoroso Lima, é importante destacar que além de membro do Conselho Federal de Educação ele foi um dos mais influentes intelectuais católicos conservadores do Brasil no século XX (FERNANDES, 2003, p.85).

O histórico da Faculdade de Filosofia Ciências Letras - FAFI, com base no Livro do Tombo, escrito por Garotti, apresenta os professores e as personalidades ilustres do cenário nacional e internacional. É sabido que, pessoas de renome valorizam os eventos, bem como aumentam a credibilidade das Instituições. Garotti afirmou que essas pessoas que estiveram presentes, deram grandes contribuições nos cursos de atualização e aperfeiçoamento na FAFI. Assim ela descreveu:

[...] estiveram aqui, ministrando estes cursos, além de outros: Alceu de Amoroso Lima (que proferiu a segunda aula inaugural dos cursos, em 1964); Monsenhor Juvenal Arduini; Dom Agnelo Rossi; Dr. Paulo Sawaya; Juarez Távara; Omar Lima Quintana (Argentina); Julio Vilela (Peru); Osvaldo Simone (Argentina); Maria Algeny Menezes (MEC); Mário Cortez (Bolívia); Mário Folchi (Argentina); Clóvis Salgado (MEC); Abreu Sodré (Governador de São Paulo); Dr. Rondon Pacheco (Governador de Minas Gerais); Newton Sucupira (Conselheiro Nacional de Educação)[...]; M. André Souvestre (Embaixada da França); M. Gerard Boely (Embaixada da França) [...](HÍSTÒRICO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, p. 13 e 14).

Fernandes (2003) afirmou ainda que os professores contratados pertenciam a Igreja católica:

[...] para ministrar uma formação marcante a presença de preceitos católicos como era premissa da instituição conforme já apontado, nada mais coerente que a direção da FAFI optasse por ter prioridade de contratar professores que tivessem formação em instituições de orientação confessional e/ou próximos à Igreja (FERNANDES, op. cit., p.118).

No histórico da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, consta a relação dos professores do curso de Letras, dos setenta e três professores citados, doze eram padres e/ou freiras. Assim, constata-se que nem todos eram ligados à Igreja e sim às exigências e necessidades dos Cursos. Garotti afirmou:

No início da Faculdade, em cada curso eu tinha a preocupação de colocar 2 ou 3 professores da área e de renome. Esses eram trazidos de fora. Uberlândia não tinha. E assim, nós fomos fundando os 10 cursos e em 10 anos nós criamos 8 cursos e para cada curso inicialmente trazíamos professores de fora para cada curso. E, foi o meu contato na PUC–Campinas, que fez o canal para chamar professores de Campinas, São Paulo e de Ribeirão Preto. Assim é que nós íamos formando os cursos aqui (GAROTTI, 2006).

Analisar a narrativa de Garotti, como também as afirmativas de Fernandes(2003) me remetem às provocações de Foucault (1996) que, sem sombra de dúvidas, trouxeram contribuições para este estudo com relação à interpretação da história. Ele sai da linearidade, problematiza com outro olhar e revela, em meio aos discursos, estratégias de poder e o modo como o poder se desvela na sociedade dentro dos vários contextos.

Nesse sentido, no falar e no silenciar, no dito e no não-dito, no que não pode ser dito e no que poderia dizer, nas epígrafes e em muitas citações deste estudo, me ancorei nos pensamentos e reflexões de Foucault, buscando compreender, a partir da leitura, a percepção de tantos mecanismos que promoveram e ainda promovem a manipulação tanto pessoal como profissional do ser humano, silenciando muitos discursos.

Para Foucault (1996), o discurso é um poder sem a pretensão de se instaurar uma verdade pronta e acabada. Ele pode ser manipulado nas entrelinhas. Por isso, é importante um questionamento do modo pelo qual o discurso é construído, constituído e instituído, articulando os efeitos de verdade através da reflexão. Nesse sentido, é importante deixar claro que este estudo deu voz à autora da história: Ilar Garotti.

Ao narrar sua trajetória de vida, o autor e o escritor se apossam das palavras e fazem a sua respectiva representatividade em que a escrita passa a retratar e constituir a identidade da narradora. Foucault (1996) afirma, a análise do discurso é mais do que uma análise do que é dito e do que é escrito, é mais que palavras e texto, pois, nesse sentido, são importantes os conjuntos de sinais que acompanham o discurso, como os gestos, o olhar, os símbolos, os comportamentos, o cenário e as circunstâncias.

Nessa perspectiva, todo sistema é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos com os saberes e os poderes que trazem com eles: “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, op. cit., p. 10). O discurso é uma prática social histórica, a história é um objeto em construção, é uma ação reflexiva, é uma reinterpretação do que foi vivido.

Compreender as nuances da narrativa, por meio de fatos no presente, levou a reconstruir a história através dos discursos e representações da narradora. Nesse processo de apropriação do passado, a pesquisadora buscou os fatos, contemplando a relação com o passado e o presente como peças que compõem uma mesma engrenagem para compor e reconstruir os fatos. Esses fatores possibilitaram novas leituras e releituras da realidade, segundo o que a narradora revelou.

De posse da narrativa, pode-se considerar que os acontecimentos discursivos são rastros que estiveram presentes na constituição de uma história e que fizeram parte de um sistema de relações que estão imbricadas na estrutura política, econômica, educacional e cultural da sociedade. Desse ponto de vista, os dizeres evidenciam uma incompletude, as contradições e o oculto de todo sujeito. Daí, pois, a opção por Foucault, em considerar que o ser humano está em constante re-construção, uma vez que o intuito é remeter à idéia de processo, de fabricação, de invenção, de produção de identidades e posições a partir da e na escrita.

Assim, o sujeito se constitui por vozes que vão tecendo a sua construção pessoal a cada momento. É um processo inacabado que, a cada conhecimento adquirido, se renova no sentido de que o conhecimento pode transformar o meio ou o meio pode moldar o sujeito, conforme o poder que se quer instaurar.

Dessa forma, compreender e refletir sobre as experiências de vida, permitiu à pesquisadora tomar consciência do vivido e do experienciado ao longo do caminho.

Assim, pôde fortalecer o conhecimento de si mesma, nas semelhanças e diferenças provocadas pela narrativa, nas quais a pesquisadora teve a percepção de sua postura diante da vida e das idéias que estruturaram o seu modo de ser e fazer na vida.

4.2 – Histórias de vida que se cruzam

Para manter ou reforçar a minha bagagem experiencial, consegui dar voz ao discurso que permeia o meu silêncio interior e a minha realidade. Dessa forma, “[...] a narrativa abriga também a um balanço contábil do que é que se fez nos dias, meses e anos relatados, ela nos permite tomar consciência da fragilidade das intencionalidades e da inconstância dos nossos desejos” (JOSSO, 2004, p.45).

Ao integrar o aprendizado nas minhas vivências e passar a conhecer minhas competências instrumentais e relacionais do saber-fazer no meio ao qual estou inserida, aprimorei cada vez mais a minha identidade e um profundo conhecimento de mim mesma. Falar da história de minha vida e de minha formação atribuiu valor ao que foi vivido e experienciado, pois me possibilitou compreender as relações e interações no ambiente em que vivo.

Assim, as experiências são percebidas de forma diferente por cada um de nós. E quando nos conhecemos a nós próprios, saímos de nós mesmos para ir ao encontro do outro. Então, a história de vida possibilita interagirmos com o outro através da narrativa, da escrita, da leitura e da interpretação de uma experiência vivenciada.

Dessa maneira, conhecer a si mesmo se dá quando se toma consciência do vivido e “[...] do que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural” (JOSSO, op. cit., p.59). O processo de construção do conhecimento envolve o nosso modo de ser e estar no mundo, como fazemos e desenvolvemos nossa capacidade de multiplicar e aprofundar na nossa essência e na construção de uma história: o ser e o estar no mundo.

Segundo Josso (2004), uma das dimensões da história de vida é a elaboração de um auto-retrato dinâmico das diferentes identidades que orientam as atividades do sujeito-aprendente, as suas representações e suas projeções, tanto nos seus aspectos visíveis ou manifestos como nos invisíveis ou não explicitados.

Assim, o auto-retrato do pesquisador “[...] promove e evidencia as posições existenciais adotadas ao longo da vida, permite ao autor da narrativa tomar consciência da sua postura de sujeito e das idéias que consciente ou não estruturam essa postura” (Josso, 2004, p. 59). Portanto, todo esse processo de autoconhecimento leva o sujeito a ter consciência para orientar sua caminhada e suas escolhas:

É no decurso desta situação em que o presente é articulado com o passado e com o futuro, que começa de fato, a elaborar-se um projeto de si por um sujeito que orienta a continuação de sua história com uma consciência reforçada de seus recursos e fragilidades; das suas valorizações e representações; das suas expectativas; dos seus desejos e projetos (JOSSO, op. cit., p.61).

Portanto, o processo de construção de si promove a transformação e a conscientização do sujeito que fala, do que escreve e do que lê as evidências das experiências significativas realizadas através do trabalho biográfico. Dessa forma, o sujeito e o meio permanecem em constante transformação. Para construir esse estudo descobri que tenho trilhado um caminho em busca de histórias e, com o auxílio dessas histórias, tenho buscado sentido e aprendizado para a minha própria vida. Assim, o caminhar para si mesma, segundo Josso (op. cit.):

É uma atividade que empreende uma viagem ao longo do qual ela vai explorar o viajante, começando a construir o itinerário dos vários e diferentes cruzamentos com os caminhos de outrem, as paragens mais ou menos longas no decurso do caminho, os encontros, os acontecimentos, as explorações, as atividades que permite ao viajante localizar-se no espaço e no tempo do aqui e agora, mas ainda compreender o que o orientou fazer o itinerário de sua bagagem, recordar seus sonhos, contar as cicatrizes dos incidentes de percurso, descrever as suas atitudes interiores e seus comportamentos (p. 58).

Esses fatores destacados por Josso (2004), levaram-me a buscar alguns caminhos que se cruzaram comigo ao longo de minha existência e que deixaram marcas significativas. Traço aqui o itinerário de minha formação, pois esta influenciou o meu modo de ser e agir. Com Ilar Garotti, meu caminho se cruzou com o dela quando estava na 6ª e 7ª séries do Ensino Fundamental. Fui aluna de um Colégio das Irmãs Salesianas. A partir daí considerei que a vida religiosa seria uma alternativa de vida, admirava a postura das Irmãs, poderia estudar e ter uma profissão.

Sendo assim, desejei seguir aquele caminho. Fui morar no Colégio interno das Irmãs Franciscanas, lá me senti útil, cresci na fé e no respeito ao outro. Nesse período cursava a 8ª série, uma professora de artes pediu que contássemos nossa história de vida, elaborando um pequeno livreto, deixando transparecer a nossa opção de vida pessoal e profissional.

Foi um processo de introspecção, no qual possibilitou retomar muitos questionamentos, partes boas e ruins do experimentado e vivenciado nesse percurso. Pensava em seguir a carreira religiosa. Questionei a minha opção de vida e, como era muito nova, tive dúvidas sobre a vida religiosa, senti que deveria dar um tempo e refletir sobre o que realmente queria, tanto no que se referia à vida pessoal quanto profissional.

Se recordar é viver, a história de Ilar levou-me a refletir sobre minhas opções de vida. A lembrança desse livreto feito manualmente, com gravuras simples, foi intitulado por mim: O problema é vocação. Percebe-se que, pelo título, a dúvida do caminho a seguir. No decorrer dos anos, freqüentemente eu o folheava, e refletia sobre questões familiares, escolares e, principalmente a respeito da vocação e da religião: seguir ou não aquele caminho.

Órfã de pai e mãe a vida me levou desde criança a fazer escolhas, umas mais difíceis, outras menos complexas. Desejava muito ter um lugar físico para morar, pois morava desde pequena com minha avó paterna e, posteriormente, com irmãos mais velhos, dos quais sempre tive estima e aprendizado. Estudando, descubro que a vida faz história e muitas vezes a história faz a vida por meio de caminhos que não estavam programados, mas que acontecem. Assim, saí do Colégio com 17 anos, pois precisava amadurecer minha decisão.

Continuei os estudos numa Escola Estadual, os anos se passaram, os relacionamentos mudaram, senti influência do meio e entre uma mudança e outra, tanto no que se refere a caminhos escolhidos, responsabilidades e de moradia, o livreto que foi tão significativo para minha vida, deixou de ser tão representativo.

Minha vida se abriu para novos caminhos, tomou outros rumos. Na época, não tive forças nem maturidade suficientes para adentrar naquela caminhada e deixar minha família, assim como Ilar fez. Faltou talvez em mim, uma orientação vocacional para decidir e até mesmo vocação. Assim, assumi aos vinte anos, por opção, a missão de constituir uma família.

Dessa forma, quando optei por ter uma família, fiz dessa família, através de meu modo de ser e fazer, a minha religião. O sentimento de missão cumprida nesse caminho percorrido prevaleceu. Concluí que eduquei e edifiquei a família através da fé, do amor, do respeito e do aprendizado. No entanto, no decorrer do caminho, fiz a opção de ser pai e mãe de dois filhos.

Aos meus filhos ensinei melhor do que aprendi. Hoje, refletindo sobre o caminho, compreendo que o outro não nos pertence, a vida continua e que os momentos de crises nos faz crescer. O que eu pensava sobre a constituição de uma família não deu certo. Assim, continuei nessa caminhada, tracei novos objetivos pessoais e profissionais e uma constante busca de novos horizontes.

Apesar das dificuldades pessoais e financeiras, fiz graduação em Serviço Social, uma escolha importantíssima, pois nesse curso foi possível conhecer o outro como sujeito de uma sociedade nas mais complexas interfaces do cotidiano. E, como trabalho na área hospitalar, pude ampliar meus conhecimentos e minhas relações com o outro a partir do conhecimento de mim mesma, das minhas crenças e potencialidades, mesmo não tendo oportunidade de trabalhar na área de minha formação. Lá fiz grandes amigos.

Dentre as pesquisas realizadas no Curso de Serviço Social, busquei compreender a inclusão dos portadores de necessidades especiais segundo sua ótica; a história de vida de uma precursora do Serviço Social e o Estresse do Assistente Social na área da saúde em meu *lôcus* de trabalho, o Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia. Todos esses trabalhos orientados por Josefina Maria dos Reis, Assistente Social, que deixou marcas belíssimas na minha existência: de amizade, respeito, carinho, diálogo, o saber ouvir e o saber ser e estar na vida e na profissão com competência e justiça nas suas ações. Ela é para mim um espelho e um exemplo de vida.

Esses trabalhos foram gratificantes, pois nesses caminhos que se cruzam, a história vivida por cada uma das pessoas que cruzaram o meu caminho e na pessoa das entrevistadas, fez e refez a pesquisadora, tanto nos modos de ver e agir com o outro quanto nas questões relativas ao respeito e ao compromisso no trabalho. O estágio do curso de Serviço Social foi realizado na Mediação Familiar.

Esse estágio possibilitou conhecer e trabalhar com uma equipe interdisciplinar composta por advogados, assistentes sociais e psicólogos. Essas pessoas foram singulares em minha vida, das quais, Denise Portes deixou marcas profícuas na minha

existência, através do seu modo de ser e fazer. Foi uma equipe dinâmica e competente nas suas ações. Lá tratávamos de histórias de vida com conflito pessoal e com o outro. Juntos, buscávamos caminhos para mediar e controlar a situação, mostrando a potencialidade do sujeito em resolver suas questões. Foi um período importante para minha caminhada profissional.

Posteriormente a esse estágio realizei um trabalho como voluntária, a fim de conhecer histórias de vida de adolescentes em conflito com a lei e com sua família. Esse conhecimento adquirido foi respaldo para muitas ações educativas na família. Concomitante a esse processo, dei início ao Curso de Terapia de Família, a fim de compreender a base dos relacionamentos, os elos, as triangulações, interações e os segredos que se estabelecem na convivência familiar. Conhecer as histórias de vida possibilitou-me mediar conflitos familiares, buscando um relacionamento mais saudável das partes.

No processo de formação continuada vi a necessidade de compreender a base da aprendizagem do ser humano para complementar as ações propostas nos atendimentos às famílias, pois haviam crianças com dificuldades de aprendizagem. Iniciei assim, o curso de Psicopedagogia. Este, além de ter sido gratificante, possibilitou-me conhecer docentes que foram luz nos meus caminhos e que fizeram ampliar meus objetivos na busca de um crescimento pessoal e profissional.

No Mestrado, mesmo sendo de outra área de formação, tive muita receptividade dos colegas e professores. Este curso proporcionou grande aprendizado, tanto através das vivências na sala de aula, quanto dos professores e dos administrativos da UFU, de onde tive apoio, amizade e incentivo para continuar os estudos. Foi um período difícil e de grandes provas e muito estudo. E, por incrível que pareça acabei escrevendo mais uma história de vida: Ilar Garotti.

Sabedores de que nossas histórias singulares, buscam nas vivências as ressonâncias dos caminhos que se cruzam, fez com que sentimentos e emoções viessem à tona. Remexer no baú de minhas memórias trouxe de volta tesouros que foram significativos na minha vida: as pessoas, a fé, os valores, as interações, as relações de amizade, a crise, o aprendizado e muitos outros aspectos que foram significativos no meu contexto vivido e experienciado.

Portanto, construir esta história de vida, reviver os caminhos trilhados pela narradora e me reencontrar em meio às histórias, pude constatar que as pessoas deixam marcas profundas em nossas vidas, assim, somos responsáveis pelas marcas que deixamos no outro. Vivenciei também, que dentre os discursos que pronunciamos, tem o não dito, tem o que não pode ser dito e o silenciado pelo jogo do poder. Mesmo com os desafios a que somos expostos, continuo a tecer minha história na busca do outro e de mim mesma.

Nesse auto-retrato construído, na minha vida acadêmica eu não sabia que tinha tantas coisas para contar e que esses fatos vividos pudessem provocar tantas emoções, não me dava conta de que tinha feito tantas coisas na minha vida, pude perceber ligações que ainda não tinha percebido sobre as histórias de vida.

Dessa forma, o conhecimento de mim mesma, por meio de recordações relativas à minha atividade, contextos, situações, encontros, pessoas significativas, acontecimentos pessoais e sociais, deu contorno ao auto-retrato de minha personalidade que está em constante construção.

4.3 – Tecer considerações finais: não significa terminar uma história de vida

A formação no seio de sua família e o contato com as Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado influenciaram a opção de Garotti pela fé e pela doação de seus serviços à comunidade. Esses fatores marcaram a sua trajetória pessoal e profissional, ampliando sua visão de mundo e a sua prática pedagógica.

E, mesmo a mulher sendo discriminada das profissões, há 74 anos atrás nasceu uma menina, no interior de São Paulo, descendente de italianos, que estudou, cresceu, tornou-se jovem, buscou exemplos na família e formulou os seus ideais. A partir daí passou a indagar e refletir sobre que caminhos seguir, teve oportunidade e se posicionou dando uma resposta positiva à sua missão. Mulher que, com 27 anos, no auge de sua vida, assumiu cargos de chefia, traçou objetivos e contribuiu para a formação docente.

As descobertas apontam para o modo como as representações são significativas para cada sujeito de forma diferente. Alguns fatores nos levam a perceber o sujeito nas suas múltiplas dimensões, no qual os contextos e os discursos fundamentaram os

valores, as normas de comportamento e as relações de poder. Houve um discurso preestabelecido pela sociedade, mas também houve quem rompesse com os paradigmas preestabelecidos para o papel de mulher.

A escola foi e é, antes de tudo, um espaço onde brotam idéias, hipóteses, dúvidas e tentativas de encontrar respostas. Mas sabe-se que uma instituição de ensino, naturalmente, não é o único espaço responsável por essa busca e pelas transformações sociais e ideológicas. A ela se juntam a família, o contexto social e as relações de poder em que esteve inserida.

Assim, as formações discursivas, às quais pertence um sujeito, são múltiplas e dependem das diferentes posições por ele ocupadas. Posições sociais de raça, de gênero, de situação social e outros diferentes grupos sociais aos quais pertence, cada uma regendo, de forma específica, a produção de sentidos válidos em cada sociedade, na qual produz e disseminam crenças e valores por meio de discursos que se quer estabelecer como válidos.

Esses diferentes fatores definem os mecanismos de interpretação, de acordo com a posição que o sujeito ocupa. A palavra dita por um mesmo sujeito, em contextos diferentes, pode ter novas significações. As formações discursivas equivalem à representação imaginária dos lugares sociais de um sujeito, variando conforme suas relações sociais e sua posição social. Esses fatores estabelecem os sentidos do discurso, o que pode e o que não pode ser dito.

Dessa forma, esta pesquisa representou uma experiência nova no caminhar em busca do conhecimento, através da história de vida de Ilar Garotti. Explorar a narrativa para constituição e análise do discurso foi desafiador. Refletir e aprender com a experiência do outro e compreender que a narradora possui características construídas no cotidiano e que a Igreja apenas burilou e moldou, levou à constituição da identidade pessoal e profissional de Garotti.

A história é um instrumento de contextualização da sociedade nos aspectos político, social, econômico, cultural e educacional, que possibilita localizar no tempo e no espaço os feitos e os fatos para conhecer, analisar e interpretar a realidade e os processos sociais e educacionais de uma determinada época. Entender o ser humano é compreender sua relação com o mundo, com o saber, com o outro e consigo mesmo, numa relação fundada no sentido de educar.

A religião marcou a vida pessoal e profissional de Garotti, determinando os rumos de sua história. Do material analisado, pôde-se constatar na sua fala que suas ações foram permeadas pela fé, pela motivação e por uma missão, que foi desvelada na doação de si para promoção do outro. Assim, a sua formação e profissão foram fundamentais, pois possibilitaram que Garotti ocupasse os cargos de diretora, reitora, professora e secretária.

Dessa maneira, este estudo possibilitou ampliar a compreensão do processo interminável que é a formação, além de proporcionar uma reflexão do quanto é importante gostar do que faz. Favoreceu, também, conhecer um pouco da história da educação brasileira e a influência do catolicismo no cotidiano e na educação da mulher que, formada nos moldes conservadores, deveria levar os ensinamentos para casa, multiplicar os valores cristãos e propagar os ideais do catolicismo na família e na sociedade.

A compreensão das experiências passadas e as ações educativas revelaram a compreensão da profissão de professora e os aspectos que influenciaram as motivações e as formas de atuação na prática docente. Atualmente, com a evolução tecnológica, exige-se um professor com uma nova postura. Dele, mais que o conhecimento, é necessário o domínio das redes de novas tecnologias de aprendizagem.

Entre gestos, olhares, palavras, atitudes, comportamentos, descobriu-se durante a narrativa, que Garotti buscou configurar seu dia-a-dia, dando significado aos fatos. Assim, pôde-se compreender o seu fazer e o papel da mulher-professora-Irmã que, através de sua formação, organizou sua visão de mundo, dando tonalidade ao seu fazer educativo e religioso.

O movimento retrospectivo do pensamento provoca tomada de consciência, tanto pela pluralidade de leituras possíveis de uma mesma experiência, da sua visão de mundo, que construiu e interiorizou para dar sentido à sua vivência, à sua trajetória, seus laços consigo mesmo, com o outro e com o meio natural (JOSSO, 2004, p. 72).

Sobre as contribuições dos serviços prestados à educação em Uberlândia, vale ressaltar que Ilar Garotti, de acordo com sua narrativa, contribuiu para disseminar

valores, solidariedade e humanização. Promoveu também a melhoria da qualidade da educação e a ampliação no processo de formação de professores.

No movimento da pesquisa, procurou-se evidenciar achados que possibilitaram apreender o processo de construção do outro e dos discursos estabelecendo os seus poderes e perigos, com a certeza de que outras interfaces ainda poderão ser analisadas. Esta experiência permitiu elaborar reflexões sobre a construção do conhecimento, tendo o ser humano como produtor do poder e como objeto do saber. Assim, foram descobertas as origens, os discursos, os desdobramentos e os desafios como algo vivo, dinâmico, contraditório, que nos fez refletir sobre as práticas construídas no cotidiano, via voz da autora da história.

No âmbito desta relação de poder/saber, descobriu-se que os dispositivos disciplinares, representaram uma rede capaz de articular e convergir diferentes saberes e relações de poder, elementos visíveis e invisíveis, declarados ou não, que originam novas formas de saber que respectivamente constituem o indivíduo. Concebia-se a construção do conhecimento a partir da coerção e subordinação dos corpos, através de uma sociedade regulada, calculada e eficiente, fundamentada nos princípios de controle e vigilância constantes. Hoje, com a falta de limites e o excesso de informações em rede, tornou a construção do conhecimento complexo e de difícil controle.

Produzir um texto teórico sobre a história de vida não se constituiu em tarefa fácil. Dessa forma, analisar cientificamente a trajetória de vida, as nuances da história, dos contextos, dos movimentos, dos planos, das opções, das ações, das atuações, promoveu uma aproximação do que foi vivido, experienciado e realizado por Garotti.

Ao construir esta história de vida, contribuiu-se para a preservação da história, da memória, além de proporcionar ao sujeito se posicionar diante de suas vivências. Transitar por suas lembranças, suas práticas, relações sociais e representações, permitiu à pesquisadora estabelecer os papéis sociais desempenhados por Garotti, além de compreender que as atitudes da narradora estão co-relacionadas às suas opções na e pela vida.

Dessa forma, ao refletir sobre meu itinerário experiencial, pude perceber que a cada etapa na construção do conhecimento se deu na busca de um saber-viver plural. Contudo, vale ressaltar que o processo de construção do ser humano não se limita aos

escritos epistemológicos, a eles é preciso acrescentar um manancial de possibilidades de conhecimento que o ser humano possui. Assim,

Colocar em uma narrativa a evolução de um diálogo interior consigo mesmo sob forma de um percurso de conhecimento e das transformações da sua relação com este, as recordações podem servir no tempo presente, para alargar e enriquecer o capital experiencial; bem como a compreensão de nossos processos de formação e de conhecimento (JOSSO, 2004, p.44)

No decorrer deste estudo, percebeu-se que no processo de análise e interpretação das histórias de vida há a participação do autor-narrador, o autor-escritor, o autor-leitor e do autor-ouvinte. Por isso, o trabalho biográfico “[...] é um desafio dialético de construção e desconstrução com vistas à criação de um espaço interior de liberdade para o sujeito se pensar, viver, dizer do ser no mundo consigo, com os outros e com o ambiente humano e natural” (JOSSO, op. cit., p.168).

Dessa forma, cada um desses papéis de autor se tornou importante no processo de construção do conhecimento, visto que é um grande desafio ao ser humano socializar aspectos de sua vida interior, partilhar seu pensamento, seus sentimentos, suas dúvidas, suas afirmações, seus sonhos e incompreensões. Assim, o desafio de formar é “[...] construir-se formando-se, formar-se construindo-se, produzir conhecimento para criar sentido, produzir sentido para criar conhecimento” (JOSSO, op. cit., p. 205).

Contudo, a cada um desses autores a partir do processo reflexivo do que é de si e do outro possibilita descobertas que dão sentido à vida, pois há um aprendizado e uma ressignificação de si mesmo. Mas é preciso compreender que cada pessoa tem seu tempo: “[...] pode levar alguns minutos, semanas ou toda uma vida: fazer com... para se dar forma; fazer com ... no tempo para transformar o meu tempo em experiências formadoras de qualidades” (JOSSO, op. cit., p.206), pois, quando o sujeito conhece a si mesmo, pode reelaborar a sua arte de viver.

Hoje, compreendo que, por me preocupar com o entendimento do ser humano, inconscientemente investi na busca de histórias de vida. Somos seres falíveis, mas em cada encontro com o outro podemos aprimorar o modo de ser e estar no mundo. O caminhar com o outro me possibilitou aprender a caminhar comigo mesma e ter a oportunidade de aperfeiçoar o saber-viver que está sempre em construção, pois “[...] há

um pesquisador em cada um de nós e que este pesquisador só avança na medida em que é capaz de aprender consigo mesmo” (JOSSO, 2004, p.166).

Portanto, acredita-se que o caminho trilhado pela pesquisa deve ser compreendido como um processo de construção do conhecimento, conforme a narrativa da autora, do que fala e o que fala. Esses aspectos levaram a pesquisadora à confirmação de que as histórias contadas pelo próprio sujeito que a viveu oferecem possibilidades reais de análise e interpretações do experimentado e vivenciado. E que, por trás do dito ainda há muito a se dizer, pois somos sujeitos mutáveis e em constante estado de descoberta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

AMADO, Janaína (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

ALMEIDA, J. A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, D. **O Legado Educacional do século XX no Brasil**. Campinas: autores associados, 2004.

ALMEIDA, M.F.R. Política educacional brasileira na década de 1990: Um desserviço à cidadania. **Cadernos de história da educação**, nº4, Uberlândia: EdUFU, p. 117 a 129, 2005.

BÓSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz: EdUSP, 1987.

BUARQUE, Cristóvam. **A aventura da universidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

BUFFA, E & NOSELLA, Paolo. **Schola Mater**: a antiga Escola Normal de São Carlos - 1911 – 1933. São Carlos: EdUFSCar, 1996.

BUFFA, Ester. História e filosofia das instituições escolares. In: ARAÚJO, J.C., GATTI JR. D. (Orgs). **Novos temas em história da educação Brasileira**: Instituições escolares e educação na imprensa. Campinas: Autores Associados/Uberlândia: EdUFU, 2002, p. 25-38.

CAETANO, Coraly Gará et alii. **A UFU no imaginário social**. Uberlândia: EdUFU, 1988.

CATANI, D.B. Estudos de história da profissão docente. In: LOPES, E.M.T., FARIA FILHO, L.M. & VEIGA, C.V. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 585 – 602.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. www.cnbb.org.br. Acesso dia 15/05/2006.
www.vatican.va/archive/compendium . Acesso 13/08/2007.

CHARTIER, R. **O mundo como representação**. Estudos Avançados, vol.05, n.11, São Paulo: USP, jan-abr, 1991, p. 171-191.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 6 ed., São Paulo: Cortez, 2003.

CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes. Brasília: Confederação nacional dos Trabalhadores em Educação: UnB: Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1996.

ENCÍCLICAS PAPAIS – Monfort Associação Cultural - [http: www.monfort.org.br](http://www.monfort.org.br) – Acesso dia 14/12/2006.

FENELON, Dea Ribeiro. et al. **Muitas memórias outras histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

FERNANDES, Alícia. **A Inteligência Aprisionada**. São Paulo: Artes Médicas, 1990.

FERNANDES, Maria Dolores. **As origens do curso de Pedagogia**: Um capítulo do Ensino Superior em Uberlândia - 1957–1963. Dissertação de Mestrado – Centro Universitário do Triângulo – UNITRI, Uberlândia, 2003.

FERREIRA, M. de M. e AMADO, J. (orgs.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FELGUEIRAS, Margarida L. Materialidade da cultura escolar. A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. **Pró-posições**. Vol. 16, nº. 01, Campinas: UNICAMP, abr., 2005, p. 87-102.

FISHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e produção de subjetividade na cultura contemporânea. **Educação, subjetividade & poder**. 3 ed., abr., 1996.

FOUCAULT, M. **A Ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio, São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução: Raquel Ramallete, Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. **Estética, literatura e pintura, música e cinema.** Coleção Ditos e escritos, III. Manoel de Barros Motta (org). Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 203 -222.

_____. **Microfísica do poder.** Tradução: Roberto Machado. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992, p. 167 – 177.

_____. **Estética, literatura e pintura, música e cinema.** Coleção Ditos e escritos, III. Manoel de Barros da Motta (org). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 264 – 298.

_____. **Estratégia, poder-saber.** Coleção Ditos e escritos, IV. Manoel de Barros Motta (org.) Tradução: Vera LÚCIA Avelar Ribeiro. Ro de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 203 – 222.

FONSECA, Gema Galgani. **A representação social do papel do educador no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia 1997/2000: História e Perspectivas.** Dissertação de Mestrado, UFU, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à Prática Educativa. 7 ed., São Paulo: Paz e Terra, (coleção Leitura), vol. 06, 1996.

GAMAZO, Adelaida Sagarra. Notas para uma nova Historiografia. **Revista Brasileira de História.** Vol.16, nº. 31/32, São Paulo: Contexto, 1996.

GAROTTI, Ilar. **Depoimento.** Concedido à pesquisadora Cleide Fátima Carvalho para realização de Dissertação de Mestrado, 2006.

INÁCIO FILHO, Geraldo. Escolas para mulheres no Triângulo Mineiro. In: ARAÚJO, J.C.S., GATTI JR, D. (Orgs). **Novos temas em história da educação brasileira:**

Instituições escolares e educação na imprensa. Campinas: Autores Associados, Uberlândia: EdUFU, 2002.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Trad. José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

MAGALHAES, Justino P. História da educação: perspectivas para um intercâmbio internacional. In: **Breve apontamento para a História das Instituições Educativas**. Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho: Braga: Portugal: 1999.

MENDONÇA, Z.G.C. **A história da formação docente: a singularidade da Escola Normal em Rio Verde, GO (1933 – 1974)**. Goiânia: Asa, 2005.

MINAYO, Maria C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 6ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

MORAES, C.S.V.; ZAIA, I.B. & VENDRAMENTO, M.C. Arquivos escolares e pesquisa histórica: fontes para o estudo da educação brasileira. **Pró-Posições**, vol. 16, nº. 01, Campinas: UNICAMP, mar, 2005, p. 117-133.

MOURA, G.F.M. **Por trás dos muros escolares: Luzes e sombras na educação feminina (Colégio Nossa Senhora das Dores – Uberaba – 1940/1966)**. Uberlândia, UFU, 2003.

NÓVOA, António (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

_____ (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000.

OBRIEN, Patrícia. A história da cultura de Michel Foucault. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Tradução: Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 5ª ed, 2003.

PASTAS DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO. Prefeitura Municipal de Uberlândia – 1996 – 2000.

PENTEADO, Silvia Teixeira. **Identidade e poder na Universidade**. Santos: Cortez, Unisanta Editora, 1998.

PEREIRA, Lusía R. **De donzela angelical e esposa dedicada... A profissional da educação**. Tese de Doutorado, USP, 1996.

PIMENTA, Selma G. et al. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

PERES, E. Sob (re) o silêncio das fontes... A trajetória de uma pesquisa em história da educação e o tratamento das questões étnico raciais. **Revista Brasileira de História da Educação**, Nº. 4, SBHE, jul – dez, 2001, p.75 –102.

PINSKY, C.B. (org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

PORTELLI, A. O momento da minha vida: Funções do tempo na História Oral. In: FENELON, Dea Ribeiro et al. **Muitas Memórias outras histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, P. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: EDUNESP, p.163 – 198, 1992.

RABINOW, Paul e DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução: Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231 -249.

RAGO, Margareth. Libertar a história. IN: RAGO, M.; ORLANDI, L. B. L.; VEIGA NETO, A. (org). **Imagens de Foucault e Deleuze – Ressonâncias Nietschianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.255 - 272.

RAMOS, L.C. **Uma história da Educação feminina em Uberlândia: o cotidiano e as representações sociais do colégio Nossa Senhora das Lágrimas. (1932 a 1947)**. Dissertação de Mestrado, UFU, 2003.

RIBEIRO, M.L.S. **História da Educação Brasileira: A organização escolar**. 18 ed. Revisada e ampliada. Campinas, Autores Associados, 2003.

ROMANELLI, O.O. **História da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1989.

SANTOS, Sônia Maria dos. **Histórias de alfabetizadoras brasileiras – entre saberes e práticas**. Tese de doutoramento em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2001.

SAVIANI, Demerval. etall. **O legado educacional do século XX, no Brasil**. Campinas, Autores Associados, 2004.

SAVIANI, Dermeval. Instituições Escolares: conceito, história, historiografia e práticas. **Cadernos de História da Educação**. nº4, Jan./dez., p.27-33, Uberlândia: EdUFU, 2006.

SZYMANSKI, H.(org.) **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano Editora, 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

ANEXO I – Roteiro da Entrevista

Ilar Garotti: vida, profissão e religiosidade

1 - Infância

- (Origem/Gênese: Família, imigração, Colégios, religião).

2 – Formação (Inicial e Continuada)

- Alfabetização:
- Ginásio e Normal
- Faculdade
- Especialização.
- Pós Graduação:
- Mestrado em Educação:
- Mestrado: Ciências da Religião:

3 – Internato/Noviça

- Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado –Convento

4 – Profissão: Professora e Religiosa

- Diretora FAFI, Ciências e Letras da UnU
- Diretora do Colégio Nossa Senhora das Lágrimas.
- Madre
- Instituto Secular

5 - Na Universidade

- Assessora de Ensino da UnU.
- Diretora Pró-Tempore Faculdade Medicina Veterinária da UnU.
- Vice-Reitora da UnU.
- Membro Comissão de Estruturação, Transformação, Org., da UnU p/ UFU.
- Pró-Reitora Estudantil e Extensão na UFU.
- Docente da UFU

6 – Creches

- Diretora Creche Comunitária Santa Rita, doada p/ (PMU).
- Co-fundadora e Vice-Presidente da Creche Comunitária Santino/Tibery.
- Presidente Sociedade./ Beneficente Ágape/Mantenedora Creche Santino.

7 – Prefeitura Municipal de Uberlândia

- Secretária Municipal de Educação/PMU

ANEXO II - Carta de Cessão**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE O DEPOIMENTO ORAL PARA A
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

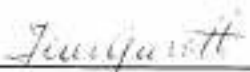
1 - Pelo presente documento, **Ilar Garotti**, brasileira, solteira, Carteira Identidade nº 587.243, CPF : 090.117.656-72, residente e domiciliada em Uberlândia/MG, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo à Universidade Federal de Uberlândia, a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o **depoimento oral corrigido e com alterações prestado no dia 16/09/2006**, as fotos do seu arquivo particular e a xérox das pastas da Secretaria Municipal de Educação. A entrevista foi gravada em seu domicílio, na cidade de Uberlândia perante a pesquisadora: Cleide Fátima Carvalho.

2 – Fica pois, a Universidade Federal de Uberlândia, plenamente autorizada a utilizar as fotos, o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Vetado a utilização da fita gravada 28.08.2006

Uberlândia, 10 de Abril de 2007


Ilar Garotti

ANEXO III - Palestra em agradecimento ao Título de Cidadã uberlandense



TÍTULO DE CIDADÃ UBERLANDENSE

Permitam-me quebrar o protocolo e chamar a todos de amigos.

Faço uma exceção e saliento o porquê. Falo do caro vereador Vilmar Resende, autor do projeto que me confere o título de cidadã uberlandense, a quem extendo meu profundo respeito e simpatia.

Sem esquecer ou menosprezar minha naturalidade jardinopolense, enriquece-me a cidadania que ora recebo. Vinda de outras paragens, aqui encontrei amigos, e um campo vasto de trabalho, onde pude me inserir e fazer aquilo de que gosto muito: trabalhar na Educação. Isto por que creio nela como a moa propulsora de uma sociedade que se molda nos princípios do bem e da moral, com a sagacidade daqueles que cuidam do presente com vistas ao futuro. O que faz toda a diferença neste sentido é que lidamos com o mais evoluído fruto de Deus: o ser humano.

Aprendi a gostar de Uberlândia, uma cidade acolhedora.

E foi justamente o acolhimento que me chamou a atenção, quando aqui cheguei em 1962, para dirigir a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Uberlândia estava com 82 mil habitantes. Hoje, ela possui quase 600 mil.

A característica do acolhimento não permite que os que aqui chegam sintam-se estrangeiros, pois:

- os braços estão abertos para receber,
- um sorriso aflora sempre para animar
- e mãos estendidas não permitem a solidão.

Daí que o acolhimento que, em teologia, chama-se "fraternidade" fomenta a união, segunda característica que me atraiu nesta cidade, cognominada "Portal do

Cerrado", mas não só da vegetação característica da região, mas sim portal aberto para todos os que a procuram.

Fruto do acolhimento e da união do uberlandense é o progresso, visto não só em seus aspectos socioeconômicos, retratados na invejável qualidade de vida da população, mas também em aprimoramento pessoal, em oportunidades para o desenvolvimento das potencialidades, para a expressão da espiritualidade; enfim, para o desabrochar completo do ser humano.

A terceira característica que me chama a atenção em Uberlândia é a força de trabalho.

Quem aqui chega, não pode deixar de admirar sua incrível tendência para o trabalho. Um trabalho que se evidencia em cada canto da cidade, onde erguem-se edifícios, escolas em todos os níveis, igrejas, postos de saúde, hospitais, onde se instalam um comércio ativo e uma indústria moderna e crescente, um lugar onde a agropecuária encontrou "terra fértil" para se desenvolver.

Realmente, uma cidade modelo, não só para o Brasil, como para toda a América Latina.

E hoje, torno-me cidadã honorária de Uberlândia, e isto me traz uma grande satisfação em poder lutar por uma Educação que facilite o processo interativo do ser humano com o meio em que se acha inserido, através da experiência cultural e da participação das ações socialmente organizadas. Uma Educação que não perde de vista seu objeto, que é o desenvolvimento harmônico das potencialidades do ser humano, em ordem à sua plena realização como pessoa, em função do grupo social a que pertence.

O indivíduo, uma vez integrado nesse grupo, num processo de assimilação, vai se predispondo a ser agente de transmissão cultural, segundo suas aptidões.

- Uma Educação a que muitos chamam de integral, que proporciona ao indivíduo os meios para a realização do seu “ser- aqui – agora”, e do seu “vir – a- ser” total, na perspectiva do desejo.

- Uma Educação que permite ao indivíduo perceber o ponto de encontro:
- Da razão com a vida;
- Do imanente com o transcendente;
- Do desejo com a realidade;
- Da parte com o todo e vice-versa;
- Da matéria com o espírito

e de outras tantas polaridades que:

- suscitam concepções de valores;
- fortalecem os ideais;
- incentivam a interatividade;
- exercitam a predisposição para a busca do sempre mais.

O que desejo Uberlândia:

- que ela cresça cada vez mais no seu aspecto humanístico e espiritual, como cresce nos seus grandes edifícios, e na infra-estrutura necessária a uma vida digna e saudável.

Isto por que entendo que, através do fortalecimento da espiritualidade, uma necessidade peculiar do ser humano, é que o homem se transforma em um novo ser, imbuído da coragem de viver intensamente, superando os polos matéria – espírito, percebendo o ponto de encontro das duas polaridades. Ninguém está livre desta realidade: o homem é dotado de inteligência, de raciocínio, e, por isso, toma consciência do Sagrado que existe dentro dele e tem liberdade de, ante ele, responder Sim ou Não.

A transcendência do homem sobre a natureza na qual está originariamente inserido vem de sua capacidade distinta de só ele conhecê-la e transformá-la, de sua exclusiva possibilidade de amor, de liberdade, de seu desejo de superar o rígido determinismo que regula a natureza. A capacidade que o homem possui de concretizar experiências, valorizar e julgar o presente e o passado, indo além do

aqui e agora, em direção ao futuro, já traz em si um elemento de imaterialidade. A atitude espiritual, portanto, segundo psicólogos, considerada como função psíquica natural, não é neutra nem isolada das demais, depende do ser vivente, pensante, conhecedor e livre, comunicativo e criativo, cultural e portador de desejos.

A homenagem que ora recebo tem uma conotação especial: vejo reconhecido o trabalho desempenhado pela Secretaria Municipal de Educação, quando nossas escolas de Ensino Fundamental são agraciadas com o título de Honra ao Mérito, por terem registrado altos índices de aprovação, demonstrando que todo trabalho que tem objetivos definidos e metas bem delineadas, e quando se faz tudo para alcançá-los, o resultado acontece como numa colheita: os bons frutos surgem, tenros, sadios, incentivando a continuidade da produção.

Parabenizo a cada uma das escolas pelo elevado índice de aprovação e pela diminuição dos índices de reprovação e de evasão.

As equipes de trabalho:

- assessores diretos da Secretaria;
- inspetores escolares
- diretores de Escolas
- assessores do CEMEPE, que caminham "pari passu" com as escolas na formação continuada dos profissionais da Educação
- Especialistas e professores;
- Oficiais administrativos;
- Auxiliares de Serviços Gerais;
- Merendeiras;
- Conselhos Escolares;
- Pais e Associações de Bairros.

enfim, todos os 4.100 servidores que pertencem à Secretaria Municipal de Educação, espalhados pelas nossas 60 escolas, convivendo com aproximadamente 50 mil alunos.

E, neste contexto, o meu agradecimento especial ao Sr. Virgílio Galassi, nosso caríssimo prefeito municipal, que, como bem disse uma de suas filhas: "é o homem do futuro emprestado para o presente". Obrigada, Sr. Virgílio pelo apoio, atenção e confiança que deposita na Secretaria Municipal de Educação.

Aos vereadores que, por unanimidade, apoiaram o projeto de Vilmar Resende, concedendo-me o título de cidadania uberlandense, Aos amigos presentes de ontem e de hoje, que sempre compartilharam e continuam acompanhando-me na caminhada da vida. A minha família aqui presente, irmãos e sobrinhos, pela amizade, amor e carinho com que sempre me cercaram. Aos membros do Instituto "Seculas Unitas – Brasil", do qual faço parte.

A todos, meu agradecimento pela presença.

Meu coração se volta para o Criador. Somente com o pensamento em Deus, e com esperança, podemos alcançar nossos objetivos e realizar nossos desejos.

O Salmo 150 – de louvor – é a expressão do nosso agradecimento a Deus, Nosso Senhor:

Louvor sem fim

Louvem a Deus no seu templo,
Louvem a ele no seu poderoso firmamento!

Louvem a Deus por seus feitos,

ANEXO IV - Histórico da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (Elaborado a partir do Livro do Tombo)

HISTÓRICO

**FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E
LETRAS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Organizadoras:

**Ir. Ilar Garotti
Aparecida Portilho Salazar**

CURSO DE LETRAS

.ANGLO-GERMÂNICAS – deu origem às habilitações em :

. Português-Inglês

. Inglês

. NEO-LATINAS – deu origem às habilitações em:

. Português-Francês

. Francês

HISTÓRICO

FUNDAÇÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE UBERLÂNDIA

Os Cursos de Letras e Pedagogia, da ex-Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia, foram decisivos para o desenvolvimento cultural e científico da cidade e da região e se constituíram no embrião do nascimento da Universidade de Uberlândia, hoje, Universidade Federal.

Para a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia, destacamos a pessoa de Madre Maria Vilac (fundadora da Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado) que autorizou, incentivou e entregou à Madre Emilia Ribeiro e Ir.Maria Lázara Fioroni, a responsabilidade pela fundação da Faculdade.

COMISSÃO PRÓ-FUNDAÇÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE UBERLÂNDIA

A idéia da fundação da Faculdade nasceu do desejo de um grupo de intelectuais de Uberlândia, que preocupados com os destinos culturais da cidade, idealizaram a criação da Faculdade.

Uma Comissão composta dos senhores:

- . Padre Mário Forestan – Superior dos Padres Salesianos de Uberlândia
- . André Fonseca – Presidente da Câmara Municipal
- . Moacir Lopes de Carvalho - Diretor da Radio Educadora
- . Saint-Clair Netto - Professor do Colégio Estadual

procurou as Irmãs do Colégio Nossa Senhora, para que elas assumissem a responsabilidade da fundação.

Esta Comissão foi ouvida pela superiora da Casa, Madre Emilia Ribeiro e pela Irmã Maria Lázara Fioroni, Diretora do Colégio. A idéia foi acolhida com grande entusiasmo e interesse, por todas as Irmãs do Colégio que acompanhavam o desenvolvimento sócio-cultural da cidade de Uberlândia.

Do "Livro Tombo", que registra os acontecimentos do Colégio Nossa Senhora, colhemos os dados relativos aos anos de 1959 e 1960;

. " Em data de 8 de setembro de 1959, Natividade de Maria Santíssima, o Colégio Nossa Senhora recebe a licença e as bênçãos da Madre Geral, Maria Vilac e da Provincial, Madre Conceição de Freitas Mendes, para abrir a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras."

. " Como bem o expõe em carta à Provincial, trata-se agora de colocar os interesse de Deus acima de tudo, para realização dessa obra importantíssima na formação de uma mentalidade universitária, moldada em princípios cristãos. Que a Virgem Santíssima abençoe esta empresa difficilima e a tome em suas poderosas mãos, a fim de que a semente hoje lançada em terra de boa vontade das Irmãs Missionárias, cresça e já árvore frondosa, domine na seara magnífica da querida Uberlândia."

. “ Em 10 de setembro de 1959 foi dado o primeiro passo para obter-se a licença de Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, Bispo Diocesano de Uberaba. Padre Mário Forestan, superior dos salesianos, Madre Emilia Ribeiro e Ir. Maria Lazara Fioroni, onde, em audiência previamente marcada, expõem a Dom Alexandre o desejo de abrir uma Faculdade de Filosofia, anexa ao Colégio Nossa Senhora. Com agradável surpresa, responde-lhes o Sr. Bispo: “ Não só aprovo, mas ordeno que se abra esta Faculdade. Ela já estava no meu pensamento há muitos anos. Esta é a hora de realizar os designios de Deus, bem patente nos acontecimentos em Uberlândia.””

.X.X.X.X.X.X

Em 27 de outubro de 1959, acompanhado do Dr. Jacy de Assis e Dr. Ciro de Castro Almeida, o Dr. Paulo Emilio de Oliveira e Cruz, eminente juriconsulto de Belo Horizonte e Inspetor Federal de Ensino Superior, veio a Uberlândia e percorreu todas as instalações do Colégio Nossa Senhora, notadamente às que se destinavam à Faculdade de Filosofia. Esta mesma visita foi feita à Faculdade de Direito, que também havia solicitado autorização de funcionamento.

No mesmo dia, Ir. Maria Lazara Fioroni comparece a Radio Educadora de Uberlândia e concede uma entrevista ao Diretor daquela emissora, Moacir Lopes de Carvalho, sobre a fundação da Faculdade de Filosofia, causando verdadeiro sucesso na cidade, o assunto, que, até então fora guardado na mais absoluta reserva.

Em 3 de novembro de 1959, a Faculdade envia, para o Conselho Nacional de Educação, com sede no Rio de Janeiro, o processo para obtenção da licença de funcionamento, processo que consta de 367 (trezentos e sessenta e sete) páginas elaboradas com extremo carinho e competência, a fim de que nada obstruísse o seu normal andamento nas repartições do Ministério da Educação.

Em 9 de novembro de 1959, um "flash" é irradiado às 13 horas, pela Radio Educadora de Uberlândia. Irmã Maria Lazara Fioroni comunica que foram dirigidos ao Senhor Prefeito Municipal, Geraldo Motta Baptista, dois requerimentos, solicitando área na cidade universitária de Uberlândia, cidade esta criada pela Lei Municipal 783, de 24 de outubro p.p. Outro, requerendo o auxílio de trezentos mil cruzeiros, também enquadrado na referida lei. O Sr. Prefeito, Geraldo Motta Baptista acompanhou com grande interesse a criação da faculdade, colocando a prefeitura à disposição dos serviços necessários para que a obra atingisse o seu fim satisfatório.

Em 12 de novembro de 1959, o jornal "Correio de Uberlândia", publica na página de rosto, em tipo de grande destaque, o artigo que damos a seguir: "Faculdade de Filosofia de Uberlândia também funcionará em 1960."

Em 18 de novembro de 1959, Dr. Jurandyr Loddi, Diretor do Ensino Superior, baixa portaria nomeando inspetor da Faculdade de Filosofia, Dr. Paulo Emilio de Oliveira e Cruz. Nesta data, a Faculdade recebe telegrama do Dr. Rondon Pacheco, Deputado Federal, comunicando o auspicioso acontecimento: "Comunico prezadas amigas foi assinada portaria nomeação inspetor. Parabéns, abraços. Rondon Pacheco."

A documentação da Faculdade entra no Ministério da Educação graças ao interesse e dedicação do Dr. Paulo Emilio de Oliveira e Cruz, que a leva pessoalmente ao Rio, do Dr. Rondon Pacheco, que atento ao processo, protege politicamente a obra e de Irmã Teodora Sampaio, que, no Rio de Janeiro, acompanha o processo de autorização do funcionamento.

Em 20 de novembro de 1959, foi dirigido ofício ao presidente da Instituição Uberlandense de Ensino, Sr. Antonio Luiz Bastos, propondo-lhe a incumbência da realização dos cursos preparatórios aos exames de habilitação à Faculdade de Filosofia, que funcionaram anexos aos da Faculdade de Direito. A aula inaugural desses cursos foi proferida pelo Sr. Dr. Milton Grandinetti, Meritíssimo Juiz de Direito da 2ª vara, que dissertou, magistralmente, sobre o tema "Unidade", abordando largamente, sobre os aspectos teológico, filosófico e social.

Em 6 de dezembro de 1959, por ocasião da formatura do Curso Normal do Colégio Nossa Senhora, Dr. Jacy de Assis, a pedido da Diretoria do Colégio e em nome desta, prestou homenagem e agradeceu ao Dr. Rondon Pacheco, pelo

muito que vinha trabalhando em prol da Faculdade de Filosofia e da Faculdade de Direito. O ilustre político uberlandenses, agradecendo a homenagem, manifestou, em termos de grande elevação, a profunda estima que tem à Faculdade de Filosofia, garantindo ser ela, no futuro, o esteio da cultura de Uberlândia.

HOMENAGEM AO DR. RONDON PACHECO, POLÍTICO CERTO NAS HORAS CERTAS:

No dia 7 de dezembro de 1959, a Instituição Uberlandense de Ensino, através da Faculdade de Direito e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, prestou homenagem ao ilustre Dr. Rondon Pacheco, Deputado Federal. Nesta solenidade falaram em nome da Instituição e das respectivas Faculdades, o Exmo. Sr. Dr. Ciro de Castro Almeida e o Prof. Osvaldo Vieira Gonçalves, expressando ao homenageado toda a gratidão que era merecedor pelo muito que fez em benefício das duas escolas superiores, ressaltando sua integridade moral e brilhante atuação no cenário político do país.

AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO

Em 11 de dezembro de 1959 chega a magnífica notícia. Às 23 horas foi transmitida pelo Dr. Jacy de Assis, através de telefonema do Rio de Janeiro, que as Faculdades de Direito e Filosofia de Uberlândia haviam alcançado esplêndida vitória: os processos de obtenção e autorização de funcionamento haviam sido unanimemente aprovados pelo Conselho Nacional de Educação. No dia seguinte, às 6 horas, Ir. Teodora Sampaio telefonou para Irmã Maria Lazara Fioroni, confirmando a notícia que já havia sido transmitida pelo Dr. Jacy de Assis.

ALTO-FALANTE NA CIDADE ANUNCIA A MAGNA NOTÍCIA

No mesmo dia, 11 de dezembro de 1959, pelas ruas da cidade, um alto-falante anunciava a magna vitória, concitando os uberlandenses à alegria e a sentimentos de triunfo e de esperança no progresso cultural de Uberlândia.

DECRETO DE AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE UBERLÂNDIA E DE SEUS CURSOS DE LETRAS E DE PEDAGOGIA.

Em 19 de dezembro de 1959, o Sr. Ministro da Educação, Dr. Clovis Salgado, homologou o Parecer do Conselho Nacional de Educação, aprovando os cursos da Faculdade de Filosofia. O Decreto nº 47.736, de 2 de fevereiro de 1960, foi assinado pelo Sr. Presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira.

PRIMEIRA DIRETORIA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Diretora	Ir. Maria Lazara Fioroni
Vice-Diretora	Ir. Ancilla Stucchi
Secretária	Ir. Altimira Ana Sigrist
Tesoureira	Ir. Isabel Ribeiro

PRIMEIRO QUADRO DE PROFESSORES DOS CURSOS DE LETRAS E PEDAGOGIA:

. Saint-Clair Netto	- Língua Portuguesa e Filologia Românica
. Pe. Mário Forestan	- Língua e Literatura Latina
. Zeny Vaz de Souza	- Língua e Literatura Francesa
. Ancilla Stucchi	- Língua e Literatura Espanhola
. Osvaldo Vieira Gonçalves	- Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira
. Frei Adalberto Tarallo	- Língua e Literatura Italiana
. Laura Chaer	- Literatura Hispano-Americana

- . Gunther Brune - Língua e Literatura Alemã
- . Yuki Kawano Pucci - Língua e Literatura Inglesa
- . José Eduardo de Assis - Língua e Literatura Norte-Americana
- . Yone Vicente Gomes - Complementos de Matemática
- . Pe. Antonio Thomaz Fialho - História da Filosofia
- . Beatriz de Paiva Tavares - Fundamentos Biológicos da Educação
- . Ir. Maria Lazara Fioroni - Psicologia Educacional
- . Lourdes Rabelina - Estatística Educacional,
- . Pe. Gervário Basini - Administração Escolar e Educação Comparada
- . Maria do Rosário Cunha - História da Educação
- . Durval Garcia - Filosofia da Educação e Introdução à Filosofia
- . Pe. Thomaz de Aquino Prata - Sociologia

Professores Assistentes:

- . Cacilda Rodrigues Souza - Língua e Literatura Francesa
- . Leusa Martins da Costa - Língua e Literatura Francesa
- . Elena Ochoa - Língua e Literatura Espanhola e Hispano-Americana
- . Lelis Ferreira Chaves - Sociologia Geral e da Educação
- . Geralda Maria Guimarães Rodrigues - História da Educação
- . Anna de Jesus d'Assunção - Língua e Literatura Francesa

PRIMEIRA REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DE PROFESSORES DA FACULDADE DE FILOSOFIA

No dia 16 de fevereiro de 1960, reuniram-se pela primeira vez os membros da Congregação dos Professores, sob a presidência da Ir. Maria Lazara Fioroni.

Estavam presentes: Pe. Mário Forestan, Pe. Durval Garcia, Pe. Antonio Thomaz Fialho, Gunther Brune, Leusa Martins da Costa, Cacilda Rodrigues de Sousa, Beatriz Paiva Tavares, Elena Ochoa, Saint-Clair Netto, Lelis Ferreira Chaves, José Eduardo de Siqueira Assis, Pe. Gervásio Basini, Geralda Maria Guimarães Rodrigues, Osvaldo Vieira Gonçalves, Yone Vicentini Gomes e Frei Adalberto Maria Tarallo. Nesta reunião, os professores presentes fizeram o seguinte juramento: "Prometo cumprir com lealdade e dignidade os direitos de professores, respeitando as exigências legais e o ideal do ensino superior". E assinaram o termo de posse, no livro próprio.

PRIMEIRO CONSELHO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

. Diretora . Ir. Maria Lazara Fioroni
. Vice-Diretora . Ir. Ana de Jesus D'Assunção
. Professores : Pe. Mário Forestan, Pe. Durval Garcia, Beatriz de Paiva
Tavares e Saint-Clair Netto.

A nova Diretoria, com a substituição da Vice-Diretora, ficou assim constituída:

. Diretora - Ir. Maria Lazara Fioroni
. Vice-Diretora - Ir. Anna de Jesus D'Assunção
. Secretária - Ir. Altimira Anna Sigríst
. Tesoureira - Ir. Isabel Ribeiro

No dia 22 de fevereiro de 1960, foi realizado o 1º exame vestibular, que aprovou 22 alunos para os cursos de Letras Neo-Latina, Anglo-Germânicas e Pedagogia.

PRIMEIRA AULA INAUGURAL

Realizada no dia 11 de março de 1960, proferida pelo Prof. Francisco Ribeiro Sampaio, da cadeira de Língua Portuguesa da PUC de Campinas, que abordou o tema " Santa Tereza de Ávila- Sua Mística – Seu Estilo ".

BÊNÇÃO DO PRÉDIO DA FACULDADE

Em 12 de março de 1960, Monsenhor Eduardo Antonio dos Santos, amigo das primeiras horas, benzeu o novo prédio onde iria funcionar a Faculdade. Neste ato, falou o Dr. George Tormin Borges, ressaltando a importância histórica e cultural do acontecimento para a vida de Ubertândia.

INÍCIO DAS AULAS

14 DE MARÇO DE 1960.

CRIAÇÃO DO DIRETÓRIO ACADÊMICO BRASÍLIA

Em 7 de junho de 1960, foi criado o Diretório Acadêmico Brasília, no ano da inauguração e em homenagem à nova capital federal. Na mesma data, foi criado o jornal ALVORADA, órgão estudantil. A organização do 1º Diretório ficou sob a responsabilidade da aluna Leci Chaves, do Curso de Pedagogia, que foi sua primeira Presidente.

NOMEAÇÃO DO PRIMEIRO INSPETOR FEDERAL DA FACULDADE

No mesmo mês, foi nomeado Inspetor Federal da Faculdade, Dr. Adhemar de Freitas Macedo.

SEGUNDA REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DOS PROFESSORES

Nesta reunião, realizada no dia 2 de setembro de 1960, com a presença de um novo professor, Celso Corrêa dos Santos. O assunto principal foi o de como desenvolver nos alunos o espírito universitário, dando relevo aos trabalhos de pesquisa, os seminários e o incentivo da Biblioteca, já enriquecida de novos volumes.

PERÍODO DE TRANSIÇÃO E MUDANÇA DA DIRETORIA

Em janeiro de 1962, por motivos circunstanciais, inerentes à Faculdade de Filosofia e ao Colégio Nossa Senhora, a Madre fundadora da Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado, Maria Vilac, achou por bem transferir Madre Emilia Ribeiro e Ir. Maria Lazara Fioroni para Campinas, SP. Para a direção do Colégio Nossa Senhora e Coordenação da Comunidade das Irmãs foi nomeada Me. Maria de Lourdes Santos.

Em 11 de março de 1962, transferida da cidade de Campinas, SP, chega Ir. Ilar Garotti, nomeada Diretora da Faculdade pela Fundadora da Congregação das Irmãs Missionárias, Me. Maria Vilac, em substituição à Ir. Maria Lazara Fioroni.

NOMEAÇÃO DA SEGUNDA DIRETORIA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE UBERLÂNDIA

Em 11 de junho de 1962, Madre Maria de Lourdes Santos, Presidente do Instituto Social de Instrução e Caridade, Entidade Mantenedora da Faculdade, dá posse à Ir. Ilar Garotti, como diretora da Faculdade, em reunião dos professores. Ficou assim constituída a segunda Diretoria:

. Diretora	- Ir. Ilar Garotti
. Vice-Diretora	- Ir. Anna de Jesus D'Assunção
. Secretária	- Ir. Maria Letícia Baptista Pereira
. Tesoureira	- Ir. Lucília Affonso de Souza

Em 1962, após concluir os seus estudos de Pós-Graduação em Paris, França, passa a integrar a Congregação dos Professores, a Ir. Maria Aparecida Borges Monteiro.

COLAÇÃO DE GRAU DA PRIMEIRA TURMA DOS CURSOS DE LETRAS: NEO-LATINAS E PEDAGOGIA

Em dezembro de 1963, colou grau a primeira turma dos alunos dos cursos acima mencionados:

LETRAS: NEO-LATINAS

- . Ana Maria Macedo
- . Marina Ribeiro Muniz
- . Oly-Mar Castilho Alves
- . Terezinha Moreira
- . Therezinha Guerreiro

PEDAGOGIA:

- . Ione Monteiro Coelho
- . Lécya Chaves
- . Lúcia Helena Borges
- . Luzélia Finotti
- . Maria de Lourdes de Miranda

PARANINFO DA PRIMEIRA TURMA

O Paraninfo desta primeira turma foi o Prof. Osvaldo Vieira Gonçalves, que, mais uma vez, destacou os benefícios da fundação da Faculdade. Suas palavras finais foram as seguintes:

“ Segui, meus amigos, vosso destino. Ao vosso lado, tendes vossa juventude e vossa fé. De vossa vida fazei um exemplo de trabalho construtivo. Reparti ,com vossos semelhantes, o que levais desta escola. E, certamente, amando Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos, estareis pondo em prática os mais sábios ensinamentos da Sagrada Escritura e que refletem, simplesmente, normas oriundas de uma sabedoria que transcende os homens e os tempos.”

Em outubro de 1963, após concluir estudos de pós-graduação em Paris, França, chega a Uberlândia a profª Ir. Odécia Leão Carneiro, para lecionar Língua e Literatura Francesa, na Faculdade.

RECONHECIMENTO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE UBERLÂNDIA

O ano de 1964 foi marcado pelo reconhecimento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia e de seus cursos de Letras: Neo-Latinas e Pedagogia, pelo Decreto nº 53.477, de 12 de janeiro de 1964, assinado pelo Presidente João Goulart.

COLAÇÃO DE GRAU DA PRIMEIRA TURMA DO CURSO DE LETRAS:ANGLO GERMÂNICAS

Durante três anos, de 1961 a 1963, a Faculdade manteve o Curso de Letras: Anglo-Germânicas, apenas para uma aluna : MARIA LUIZA BRAGA, a fim de que o mesmo não fosse desativado. No último ano, em 1964, recebeu, por transferência da PUC-Campinas, a aluna Maria Amélia de Castro Serra.

Assim é que, além dos dois cursos já existentes: Letras e Pedagogia, foram criados os cursos de:

. História	- 1965
. Matemática	- 1967
. Ciências – Lic. 1º Grau	- 1970
. Geografia	- 1971
. Estudos Sociais – Lic. 1º grau	- 1972
. Ciências Biológicas	- 1972
. Química	- 1974
. Psicologia	- 1975

Cursos fora da sede: Monte Carmelo- MG, coordenados pela Profª Maria do Rosário Curado:

. Pedagogia- Lic. 1º grau	- 1975
. Letras: Português-Ingles-Lic.1º grau	- 1975
. Estudos Sociais –Lic. 1º grau	- 1975
. Ciências – Lic. 1º grau	- 1975

Durante este período, a média anual de alunos era de 1500 , com cerca de 70 professores, que compreendendo a dignidade da causa, davam o melhor de si, não medindo esforços e, muitas vezes com grande sacrifício, empenhando-se em um trabalho merecedor dos maiores elogios, pela seriedade, competência e dedicação com que o realizaram.

CURSOS DE EXTENSÃO

Além da preocupação com o ensino e a pesquisa, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia sempre proporcionou aos seus alunos e à comunidade, incentivo à atualização e ao aperfeiçoamento, através de cursos de extensão, para os quais, trazia professores e personalidades ilustres do cenário nacional, em suas diversas áreas. Assim, estiveram aqui, ministrando estes cursos, além de outros:

Alceu de Amoroso Lima (que proferiu a segunda aula inaugural dos cursos, em 1964); Monsenhor Juvenal Arduini, Dom Agnelo Rossi , Dr. Paulo Sawaya, Juarez Távora, Omar Lima Quintana (Argentina), Julio Vilela (Peru), Osvaldo Simone (Argentina), Maria Algeny Menezes (MEC), Mário Cortez (Bolívia), Mário Folchi (Argentina), Clovis Salgado (MEC),

Abreu Sodré (Governador de São Paulo), Dr. Rondon Pacheco (Governador de Minas Gerais), Newton Sucupira (Conselho Nacional de Educação), Saulo Monte Serrat, Atiço Vilas Boas, Francisco Iglesias, Norma Góes Monteiro, Sylvia Ortoff, M. André Souvestre (Embaixada da França), M. Gerard Boely (Embaixada da França), M. André Treché (Embaixada da França), Cecília de Lara , Eduardo Prado de Mendonça , Pedro Parafita de Bessa , Pedro Aleixo (Ministro) , Maria Luiza Marcilio (USP), Adonias Filho (Academia Brasileira de Letras), Mário Palmério (Academia Brasileira de Letras), Clarice Lispector , Pe. Oscar Gonzáles Quevedo, Antonio Valdir Biscaro, Odilon Nogueira de Mattos, Salma Muchail (PUC-SP) Gabriel Antonio Simão, Maria Junqueira Schimidt, Ramon Villar Paisal, Luiz Tomazi, Simon Liu, Leonardo Smeele, Francisco Guerra Terra, Jarbas Passarinho (Ministro) , Tarso Dutra (Ministro), Dinah Silveira de Queiroz (Academia Brasileira de Letras).

BOLSAS DE ESTUDO

Durante este período, a direção da Faculdade esteve sempre atenta para que nenhum aluno abandonasse o curso, por falta de recursos. Assim, teve a ajuda sempre presente do Deputado Homero Santos. Nos primeiros anos, patronos ofereceram bolsas a diversos alunos.

Estes beneméritos, foram: Virgílio Galassi, Joaquim Fonseca e Silva, Geraldo Migliorini, Renato Humberto Calcagno, Messias Pedreiro, Elias Simão, Antonio Luiz Bastos, Odilon Custódio Pereira, Nelson Mendonça, Hélvio Cardoso, Sexto Testa, José Zacharias Junqueira, Jorge Labeca, Gulomar de Freitas Costa, Guiomar Fernandes dos Santos, Raul Pereira de Rezende, José Thomaz de Rezende, Clarinda Cândida de Rezende, Amélio Marques, Benedito Nazário, Espir Abib Attux, Valtercides Borges de Sá, Edson Garcia Nunes , José Rezende Ribeiro, Galeno de Andrade Santos, Célio Leão Borges, Joaquim Theodoro dos Santos, Fausto Ribeiro Marquez, Mário Resende Ribeiro e José Guerra.

O ESCUDO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

“ VERITAS LIBERABIT VOS “

Olhando-o de frente você verá uma TOCHA e um LIVRO. A TOCHA, tomamos como símbolo da FÉ que deverá iluminar a CIÊNCIA, para que o LIVRO que contém as chaves das pesquisas, se abra à sua inteligência, numa continuação integral da VERDADE! Assim, você será esclarecido, contribuindo para o progresso e firmado no centro indestrutível desta VERDADE que nos liberta e nos conduz à prosperidade!

À sua esquerda, temos o CALVÁRIO! O CALVÁRIO, presente no nosso Escudo, vem lembrar que a fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia, foi iniciativa das Missionárias de Jesus Crucificado. Como você já percebeu, Jesus Crucificado, nos lembra imediatamente o CALVÁRIO, cenário sublime da presença da Igreja, dispensadora das Riquezas de Cristo! O CALVÁRIO é o testemunho precioso da missão legada às nossas vidas: difundir no Mundo, na Pátria e na Família, o Amor à VERDADE!

Coroando o Escudo, você vê uma FLOR DE LIS! É o símbolo de Maria Santíssima, a quem foi confiada a Faculdade, na certeza de que Ela a assistirá de perto, para que possamos trabalhar na realização de nosso IDEAL, alicerçando-o no nosso LEMA: “ VERITAS LIBERABIT VOS”! Sim, a VERDADE VOS LIBERTARÁ. Esta verdade, nós a encontraremos em DEUS!

IDEALIZADORES DO ESCUDO:

Madre Maria Vilac – Geral das Missionárias de Jesus Crucificado

Madre Conceição de Freitas Mendes – Provincial das Missionárias

Madre Rita Amarantes – Conselheira da Província das Missionárias

Prof. Santo Puglisi (Frei Antonino)

Profª Ir. Odécia Leão Carneiro

Profª Ir. Ilar Garotti

A década de 60-70 marcou a criação das primeiras Faculdades em Uberlândia. Junto com a Faculdade de Filosofia, nasceu a de Direito, que também iniciou as suas aulas no ano de 1960.

Em 1963, foi criada a Faculdade de Ciências Econômicas; em 1965, a Faculdade de Engenharia. A Faculdade de Medicina, em 1968 e a Faculdade da Artes, em 1969, integrada pelos Cursos Superiores do Conservatório Musical de Uberlândia, fundado no ano de 1957, cursos estes reconhecidos no ano de 1967.

Estas cinco Instituições de Ensino Superior: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia (1960), Faculdade de Direito de Uberlândia (1960), Faculdade de Ciências Econômicas de Uberlândia (1963) , Faculdade Federal de Engenharia de Uberlândia (1965) e Faculdade de Artes de Uberlândia (1969), formaram a UNIVERSIDADE DE UBERLÂNDIA, criada pelo Decreto-Lei nº 762, de 14 de agosto de 1969, dando novos rumos ao ensino superior em Uberlândia região.

Novas Instituições de Ensino Superior surgiram: Faculdade de Odontologia (1970), Faculdade de Medicina Veterinária (1971) e Faculdade de Educação Física (1972). Estas três Faculdades passaram a integrar a Universidade de Uberlândia em 11 de dezembro de 1972 e a Escola de Medicina e Cirurgia passou a integrá-la a partir de seu reconhecimento ,em agosto de 1974

Criada a Fundação Universidade de Uberlândia, foi seu primeiro presidente, o Prof. Milton de Magalhães Porto, que exerceu o cargo até a federalização da Universidade e durante o mandato dos quatro primeiros Reitores:

- . Genésio de Melo Pereira
- . Domingos Pimentel de Ulhôa
- . Juarez Altafin
- . José de Paulo Carvalho (Pro-Tempore).

Com a federalização, foram nomeados, pelo Sr. Presidente da República, os Reitores:

- . Gladstone Rodrigues da Cunha Filho (também professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia)
- . Ataulfo Marques Martins da Costa (ex-aluno do Curso de Letras: Português-Inglês , da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia).

TRANSFERENCIA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE UBERLÂNDIA PARA OS CAMPI SANTA MÔNICA E UMUARAMA

Em 1977, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras instalou-se definitivamente nos campi Santa Mônica e Umuarama, pois seus cursos passaram a pertencer aos 3 Centros da Universidade:

HUMANAS	EXATAS	BIOMÉDICAS
Pedagogia	Matemática	Ciências Biológicas
Letras: Português-Inglês	Química	
Letras: Português-Francês		
História		
Geografia		
Estudos Sociais		
Psicologia		

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras se “diluiu” nos 3 Centros que são o “ponto de encontro” onde as mentes se iluminam, as vontades se fortalecem e a pessoa humana se realiza na sua plenitude ontológica e social.

DIRETORA PRO-TEMPORE DA FACULDADE

Em 1977, após 15 anos como Diretora, quando a Faculdade se integrou à Universidade, não apenas didaticamente, mas, também administrativamente, Ir. Ilar Garotti entrega a direção à Ir. Odélcia Leão Carneiro, nomeada diretora “pro-tempore”, pelo então Reitor “pro-tempore”, Prof. João de Paulo Carvalho.

A professora Odélcia Leão Carneiro, compreendendo que a Universidade se estruturava em três Centros e que nos Centros, o Departamento, embora sendo a menor fração era a única entidade que tinha existência real na Universidade, preparou os seus Chefes para que, efetivamente, assumissem as suas funções de Chefia.

E, neste ano de 1977, e com este espírito de abertura, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras cumpriu a sua missão de entregar à cidade uma Escola

Superior e à Universidade os 10 cursos responsáveis pelo estudo de diversas áreas do conhecimento humano, para que eles estivessem presentes nos três Centros, respondendo à solicitação que lhe fora feita em 1959, pelo grupo de intelectuais da cidade, quando procuraram o Colégio Nossa Senhora, confiando a criação da Faculdade ao dinamismo e à inteligência de Ir. Maria Lazara Fioroni.

A semente lançada em terra fértil fortificou-se e integrou-se à Universidade que hoje domina a seara da magnífica Uberlândia, como bem o profetizou Me. Maria Vilac. Confiando mais em Deus do que na técnica e nos meios humanos, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia realizou o seu objetivo, anunciando, através da cultura, o mistério do reino de Deus entre os homens.

Finalizando este histórico, o nosso pensamento se eleva a Deus, num gesto de gratidão e amor filial, pedindo-Lhe as graças e bênçãos necessárias para o prosseguimento desta grandiosa obra que é a Universidade Federal de Uberlândia.

E neste instante, nossa sincera homenagem acompanhada de profundo agradecimento a duas pessoas que foram as colunas mestras da criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia: MADRE MARIA VILAC (In memoriam) e IR. MARIA LÁZARA FIORONI (In memoriam).

Se Madre Maria Vilac teve a agudeza de inteligência (*intus-legere*) e soube ler através dos acontecimentos a vontade do povo de Uberlândia, concedendo todas as licenças para que a Faculdade fosse criada, Ir. Maria Lazara Fioroni teve a coragem e a audácia de executar o ato da fundação, atitude que só se encontra em grandes personalidades.

À nossa Madre Maria do Calvário (Maria Vilac) e à Ir. Maria Lazara Fioroni , a gratidão da cidade de Uberlândia e da sua Universidade Federal.

ILAR GAROTTI

RELAÇÃO DOS PROFESSORES DO CURSO DE LETRAS

- . Frei Adalberto Maria Tarallo
- . Aldo Luiz Belagamba Colesanti
- . Ana Lucia Nardi Arruda
- . Ir. Ancilla Stucchi
- . Ir. Anna de Jesus d'Assunção
- . Mons. Antonio Afonso da Cunha
- . Pe. Antonio Thomaz Fialho
- . Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha
- . Bilá Salazar Drumond
- . Cacilda Rodrigues Souza
- . Carlos Antonio do Vale
- . Célia de Assunção Figueiredo
- . Creusa Resende
- . Darly Rodrigues de Paula
- . Pe. Durval Garcia
- . Elaine Borges Ribeiro
- . Elena Ochoa
- . Elizabeth Ribeiro Franco
- . Elizabeth Espir Abib
- . Fioravanti Marta
- . Giovanni Ferreira Pitillo
- . Gunther Brune
- . Iolanda de Lima Freitas
- . Ivany de Castro Bandeira
- . Jacy Pereira Guimarães
- . Pe. João Biagioni
- . João Rodrigues de Freitas
- . Johann Georg Kurtz
- . John Joe O'Connell
- . Jorcelina Queiroz Azambuja
- . Pe. José Antonio Van Den Boomen
- . José Eduardo de Siqueira Assis
- . José Olimpio de Magalhães
- . José Pires de Oliveira
- . Kátia Marques da Silva
- . Laura Chaer
- . Leusa Martins da Costa
- . Luiz Carlos Costa

. Luiz Carlos Travaglia
. Luiz Covello
. Mabel Bernardes de Freitas
. Mafalda Januzzi Cunha
. Manuel Cardoso
. Márcia Helena Boechat Alves Fernandes
. Margaret Abdulmassih Wood da Silva
. Maria Célia Cence Lopes
. Maria Elízia Azevedo Silva
. Maria Helena Santos Araújo
. Maria Ivonete Santos Silva
. Maria Luiza Braga
. Mariano Parziale
. Maria Teonila de Faria Alvim
. Maria Terezinha Cunha
. Pe. Mário Forestan
. Marly Bernardes de Araujo
. Maura Alves de Freitas Rocha
. Naima Andrade Chaves
. Nazira Chueiri
. Neida Junqueira Matos
. Neila Soares de Faria
. Neuza Gonçalves Travaglia
. Nilza Alves de Oliveira
. Noel E. Hutching
. Ir. Odélcia Leão Carneiro
. Odete Maria Álvares
. Olinda Martins Moraes
. Osvaldo Freitas de Jesus
. Osvaldo Vieira Gonçalves
. Raimundo Aires de Menezes
. Roberto Daud
. Rosa Yoshiko Mochidome
. Saint-Clair Netto
. Santo Puglisi (Frei Antonino)
. Shirley de Fátima Cunha Alves
. Terezinha de Melo
. Terezinha do Carmo Hortêncio
. Terezinha Maria Moreira
. Therezinha Caiado
. Pe. Thomaz de Aquino Prata
. Valdemar Ribeiro Filho

- . Vânia Maria Bernardes Arruda
- . Vicente Eustáquio de Almeida
- . Waldenor Barros Moraes Filho
- . Yuki Kawano Pucci
- . Zeny Vaz de Souza
- . Zuleika Costa Pereira

DIRETRIZES NORTEADORAS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE UBERLÂNDIA

1) POLÍTICA DE MEIOS E FINS

A Faculdade de Filosofia sempre teve como fim, o aluno. E quando se fala em aluno, duas vertentes são importantes:

- . o interesse
- . a necessidade

O aluno tem interesses e a Instituição tem de satisfazer-lhes as necessidades.

Se o fim é o aluno ele deve ser o centro das atenções. A Universidade corre o seu maior perigo, quando o aluno deixa de ser o fim da Instituição.

A administração é um meio essencial para se manter viva a chama do ideal e alimentar os objetivos propostos. E toda vez que se perde o rumo da **política de meios e fins**, a Instituição está em um processo de disfunção de seus objetivos.

20) CAPACITAÇÃO DOS PROFESSORES

Dos professores sempre se exigiu :

- . COMPETÊNCIA
- . SERIEDADE
- . DEDICAÇÃO

A Faculdade de Filosofia encaminhou muitos dos seus professores para cursos de pós-graduação, **lato sensu** e **stricto sensu**, tendo sido pioneira neste sentido. A capacitação ajudou os professores a manter viva a atualização no desenvolvimento do ensino, no progresso científico da pesquisa e na promoção da extensão, que constituem o tripé da Universidade.

2) PROCESSO TEORIA E PRÁTICA

A FRATERNIDADE COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

A incorporação de valores como: **diálogo, solidariedade recíproca** constituem o fundamento do novo olhar sobre a educação.

O bom relacionamento Professor-aluno-funcionários, colocados na prática de uma convivência sadia, culmina numa atuação pedagógica que mantém vivo o ideal educacional.

O espírito mútuo, a aceitação do outro, enfim, o desenvolvimento do **amor-doação**, constituem o alicerce de todo o trabalho de equipe, porque:

- . a inteligência sem amor te faz perverso,
- . o êxito sem amor, te faz arrogante,
- . a beleza sem amor, te faz fútil,
- . o trabalho sem amor, te faz escravo
- . a autoridade sem amor, te faz tirano,
- . a lei sem amor, te escraviza,
- . a política sem amor, te deixa egoísta,
- . a fé sem amor, te deixa fanático.

Enfim,

A vida sem amor não tem sentido.

Tudo isto sempre constituiu a tônica dos trabalhos realizados na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal de Uberlândia.

Ir. Ilar Garotti